

# Merenda e literatura sobre as ondas

Barco que leva estudantes para Ilha Grande se transforma numa espécie de escola flutuante

Custódio Coimbra

Enquanto os problemas da rede pública de ensino não são resolvidos, é preciso recorrer à criatividade para combater a evasão de alunos. Em Angra dos Reis, por exemplo, todos os dias, às 4h50m, Romildo Brandão, de 56 anos, parte com seu barco, o "Amigos Unidos II", rumo à distante Praia de Provetá, na Ilha Grande, a três horas do continente. Entre os passageiros, pessoas como o professor de geografia Roberto Silvestre, morador de Vila Isabel, no Rio, que leciona três vezes por semana em Provetá. Brandão, que faz esse percurso há seis anos, já conhece seus passageiros pelo nome e vê a cada dia um número maior de estudantes entrando em sua traineira rumo à escola de Provetá, a única daquele lado da ilha com ensino da 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série.

Às 5h50m, dois jovens já esperam no cais da Praia de Bananal. O mesmo vai acontecendo ao longo de mais seis praias na Ilha Grande. São jovens de idade variada que, sem o barco, teriam deixado a escola na 4<sup>a</sup> série. Na traineira já estão à espera dos alunos leite achocolatado e biscoito, pois muitos saem de casa sem fazer a primeira refeição. Para tornar mais agradável a longa viagem — que em dias de ventos fortes é até interrompida — eles adquiriram o hábito da leitura. A ponto de os professores — que recebem da Prefeitura de Angra um dos melhores salários do estado — terem organizado uma pequena biblioteca, que tem desde revistas antigas e gibis até livros de autores famosos, como Victor Hugo.

## Estudantes aprendem até boas maneiras em escola de Papucaia

Em Papucaia, distrito de Cachoeiras de Macacu, o caminho empoeirado até a escola é vencido com a ajuda de velhas bicicletas ou simplesmente a pé. Muitos andam até sete quilômetros. Mas os obstáculos são vencidos com alegria por meninos e meninas que conseguiram finalmente — depois de passagens em escolas estaduais da zona rural — finalmente aprender a ler e escre-



RUMO À ÚNICA escola da 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série da Ilha Grande, na Praia de Provetá, os alunos se dedicam à leitura no barco 'Amigos Unidos II'

ver. O local do "milagre" é conhecido como sítio de seu Leandro, na verdade Leandro Antônio Raeder, um empresário que há quatro anos ergueu em suas terras uma escolinha com cursos até 4<sup>a</sup> série para os filhos de colonos.

Com gastos mensais em torno de R\$ 11 mil, o equivalente ao custo de um carro popular, são mantidas 160 crianças no Centro Comunitário João Henrique Raeder, uma homenagem ao avô do empresário. Muitas delas estavam cansadas de freqüentar escolas da região,

sem merenda e sem resultados. O que começou com um convite feito por um carro de som nas estradinhas apertadas de Papucaia virou um fenômeno: já existe para o ano que vem uma lista de espera com 20 crianças.

O projeto, idealizado pela professora aposentada Malay Guedes de Oliveira, é hoje tocado com outras duas diretoras, Áurea Maria Fernandes e Luiza Lazara Mendonça. Elas deixaram Niterói em troca de um ensino de resultados. Todos os alunos, com exceção dos matri-

culados na classe de alfabetização, entram às 8h e saem às 17h. Recebem três refeições, carinho, atenção e têm um currículo vasto. Além de matérias como português e matemática, há oficinas, como aquela em que os alunos aprendem a fazer queijo e iogurte.

— Eles aprendem aqui aulas de boas maneiras — conta Malay, emocionada.

— É engraçadíssimo ver as mudanças, a transformação deles e o seu comportamento à mesa. É uma prova de que a educação pode acontecer neste país. ■